

Organização
Fernanda Luiza

CANTA KALIMBA



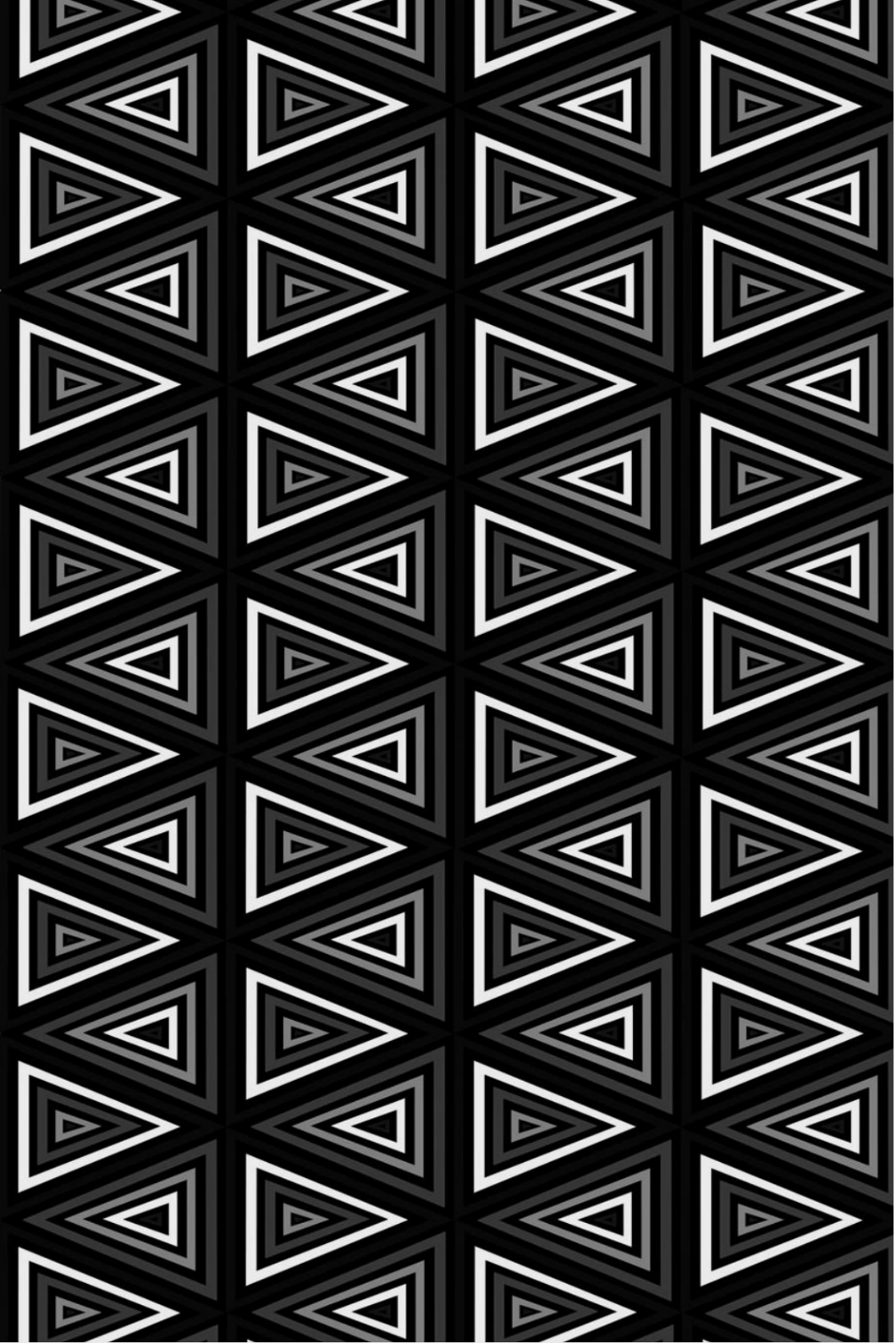
africa
de cultura: n.º 1/2015

CANTA KALIMBA

COLETÂNEA POÉTICA

revista **afriica**
de estudos africanos

Quissamã - 2022



Organização

Fernanda Luíza

CANTA KALIMBA

COLETÂNEA POÉTICA

revista **afirma**
de artes e letras

Quissamã – 2022

Canta Kalimba: coletânea poética

Copyright © 2022 Fernanda Luíza

Todos os direitos reservados a editora Revista África e Africanidades e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora e da organizadora.

Direção Editorial: Nágila Oliveira dos Santos

Projeto Gráfico e Diagramação: Nágila Oliveira dos Santos

Revisão: Leandro Rodrigues do Nascimento da Silva

Ilustração da capa: Maria Vitória Ortegosa e Figueiredo (Mavi)

Imagem entre títulos: Adobe Stock

Capa: André Luiz dos Santos Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B869.1

C229 Canta kalimba : coletânea poética /
 organização, Fernanda Luíza de Souza
 Farias – Quissamã : Revista África e
 Africanidades, 2022.
 80 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-84913-08-0

1. Poesia brasileira. I. Título II.
Farias, Fernanda Luíza de Souza.

André Luiz dos Santos Silva – Bibliotecário – CRB-7/7045.

Editora Revista África e Africanidades

Rua Ângelo Silva n. 288 casa 01 - Alto Alegre – Quissamã

RJ/ CEP: 28.735-000

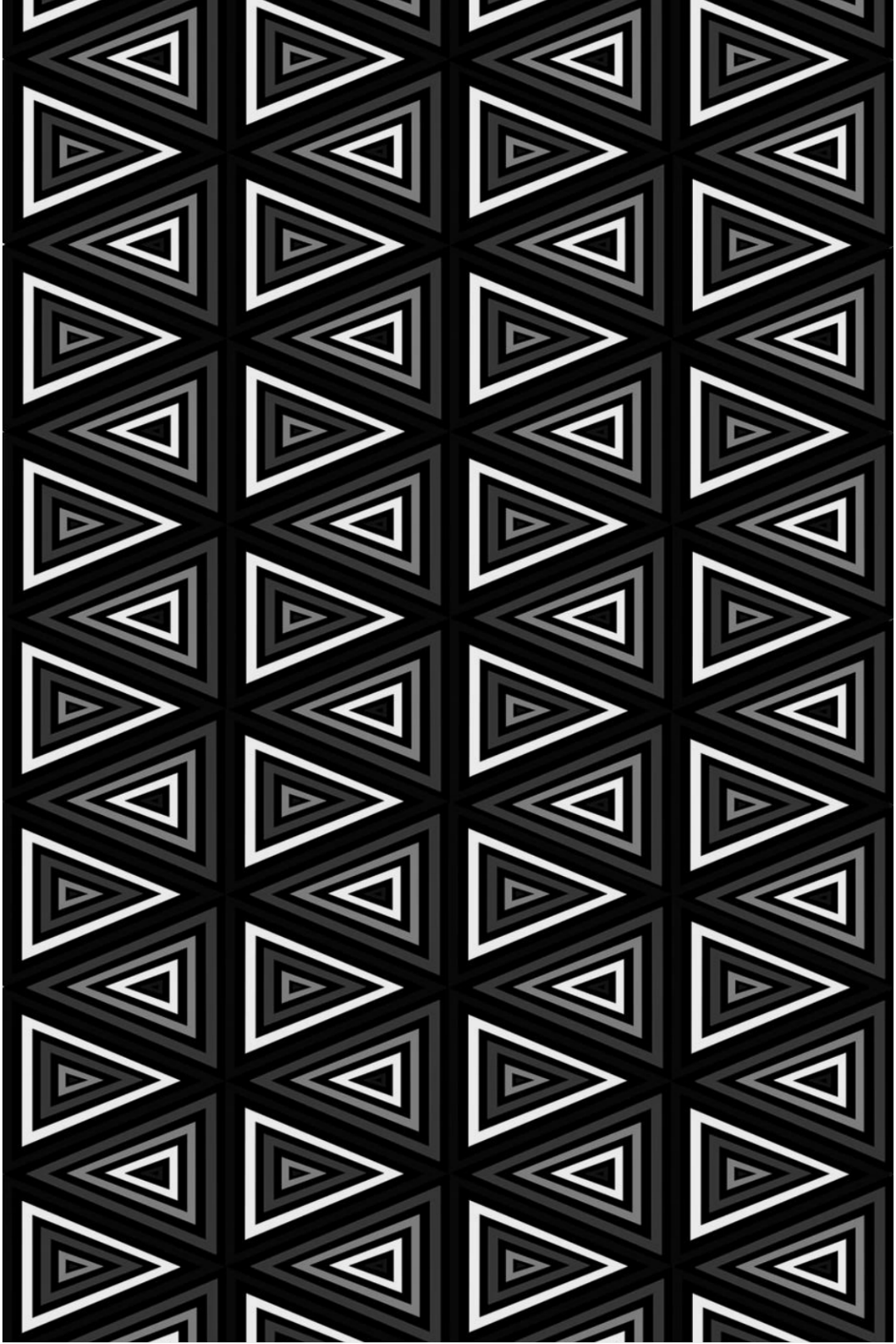
E-mail: editora@africaeaficanidades.com.br

www.africaeaficanidades.com.br



AGRADECIMENTO

À ONG FENIX por confiar em nosso
trabalho e ao Emerson Ferreira Gomes
pela orientação

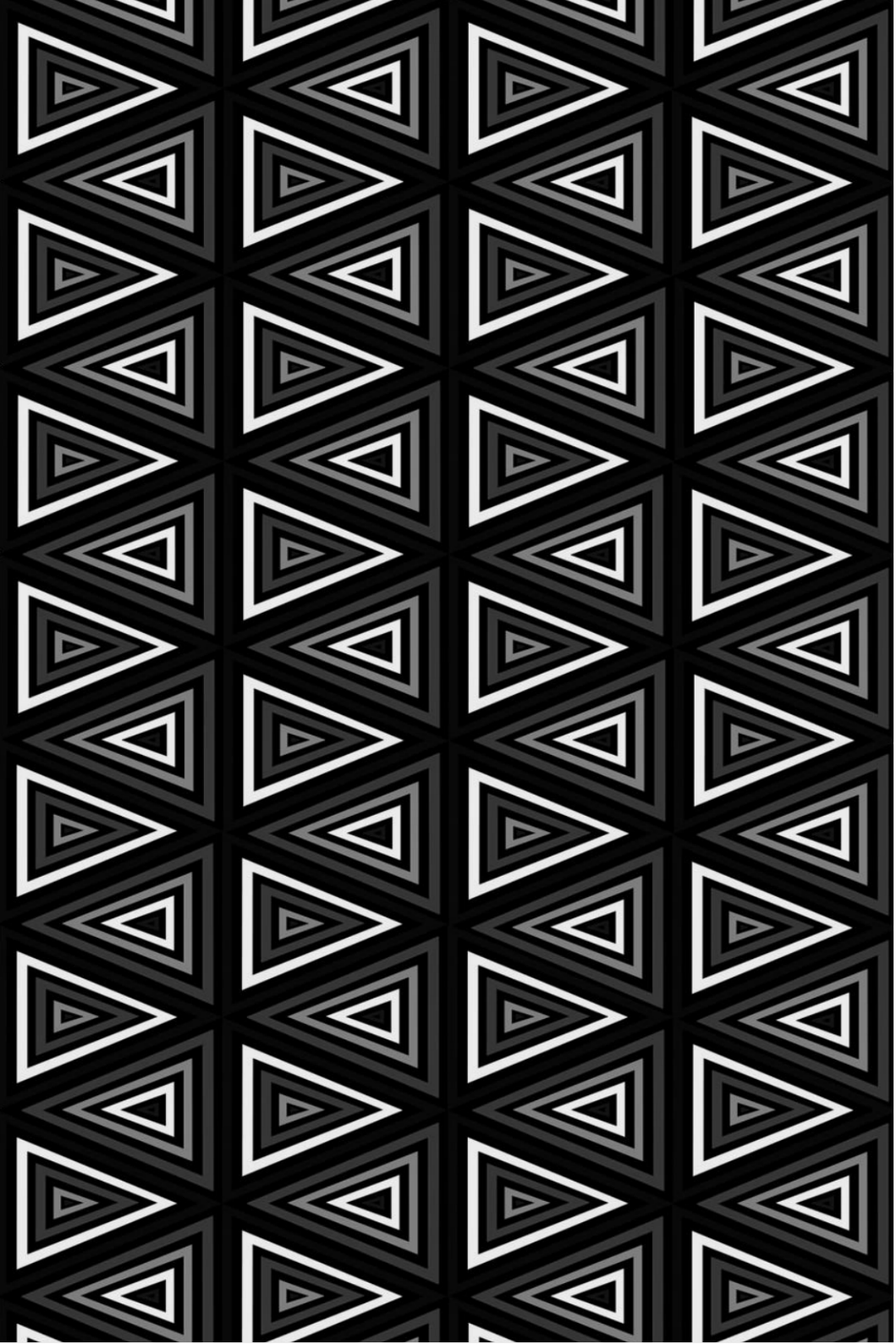


SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
Nágila Oliveira dos Santos	
MBIRA: INSTRUMENTOS AFRICANOS EM SALA DE AULA	15
Fernanda Luiza	15
POEMAS	
ANNA CAROLINA LOPES DE AZEVEDO	29
Som de Kalimbas	29
VITOR PINHO LOPES	30
Poeira e axé	30
JÚLIA SANTOS	31
Balafon	31
LUCAS MÜLLER	32
Balafon	32
MATHEUS MINICELLI	33
Morte na praia	33
O portal	34
Caminhada Soturna	35
Boa noite, terra, cinza	37
FILIPE MARTINS	38

Na pele	38
GIOVANNA MABEL	40
Djembê	40
JULIA BATISTA	41
Mbira	41
Você é voz	42
Balançar da sua saia	43
ANNA LUIZA SOUSA	44
Reflexo	44
Cômodo	46
Sufocar	47
ALEXSANDER DE LIMA LOCH	49
Compreendido	49
NICOLE NASCIMENTO	50
Ingenuidade infantil	50
A realidade das Favelas	52
DANIELLY SANTOS	55
CL	56
Coragem	57
CGA- CAUÃ G. AGUIAR	58
Prelúdio do prefácio do caos	58
TARSILA V	60

Minha casa, meu lugar	60
ALESSANDRO FERNÁNDEZ	61
Ressonhar	61
A mudança	62
Corte	63
BIA OLIVEIRA	64
Viva a Negritude	64
Da solidão vem a força	65
Guerra contra a morte	66
NADYA MUSA	67
Perdida	67
Corre	68
Não sabemos lidar	69
THIAGO F. MAGNO	70
A tão sonhada empatia	70
J.R. BAZILISTA	75
DIDA	77
A kalimba	77
FERNANDA LUIZA	78
Canto abrigo	78



PREFÁCIO

Canta Kalimba é uma coletânea poética produzida por encontros e rebeldias capazes de produzir novos olhares sobre os saberes e fazeres africanos, de forma a corroborar para descobertas em torno de epistemologias africanas. É também a partir de encontros-poemas e encontros-rebeldias que os escritores (as) aqui reunidos (as) trazem reflexões sobre os impactos do racismo estrutural, mas também trazem estratégias de (re)existências, de construção e fortalecimento de identidades capazes de assumirem práticas antirracistas.

A cientista negra Fernanda Luiza afronta o currículo eurocentrado da Física e insere o estudo sobre ondas sonoras, a partir do patrimônio epistêmico africano, tendo o instrumento da kalimba como ponto de partida para as descobertas, diálogos e reflexões junto aos estudantes da Escola Estadual Professor Antônio Alves Cruz.

Na primeira parte do livro, encontramos a pesquisa realizada por Fernanda Luiza, sob o título *Mbira: instrumentos africanos em sala de aula*. Esta cumpre a missão de preparar o (a) leitor (a) para caminhar pelos versos de forma a construir um olhar decolonial sobre as epistemologias negras e seus sujeitos. Neste sentido, a pesquisadora, de forma muito didática, nos auxilia a

refletir sobre o racismo expresso na colonialidade do saber e nos apresenta terminologias da mbira em seus diversos contextos culturais, e destaca os processos de apagamento epistêmico, apropriações e silenciamentos impostos pela colonialidade. Sua pesquisa se apresenta como um importante instrumento de combate ao epistemicídio a ser usado por docentes da Educação Básica e Superior em suas práticas antirracistas.

Quais as consequências de um estudo sobre ondas sonoras produzidas a partir de instrumentos pertencentes ao patrimônio epistêmico africano para além do currículo de Física?

Continue a leitura e perceberá o quanto que as ondas sonoras produzidas pela kalimba e pelos movimentos antirracistas desta cientista/professora, junto a jovens estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de São Paulo, tornaram-se territórios fecundos para novas reflexões/denúncias sobre o racismo estrutural à brasileira, bem como fortes críticas ao sistema capitalista.

As ondas sonoras produzidas pela kalimba também produziram encontros com uma poesia que destaca a musicalidade e os encantos dos balafons, tambores, berimbaus, cuícas, bem como com as cantigas infantis africanas e giras dos afoxés e sambas.

Nas páginas desta coletânea, há também espaços para as confissões sobre amores não ditos e malditos, relacionamentos abusivos, saudades, solidões e instabilidades dos encontros. Mas também há paixões correspondidas pelo despertar e vigor da juventude.

São versos-ecos que explodem em denúncias sobre os cotidianos das periferias, marcados pelo genocídio do povo preto, desigualdades, violações de direitos das crianças e mulheres. Estes trazem também o medo do não retorno para casa enquanto jovens negros (as) e o clamor por uma segunda chance.

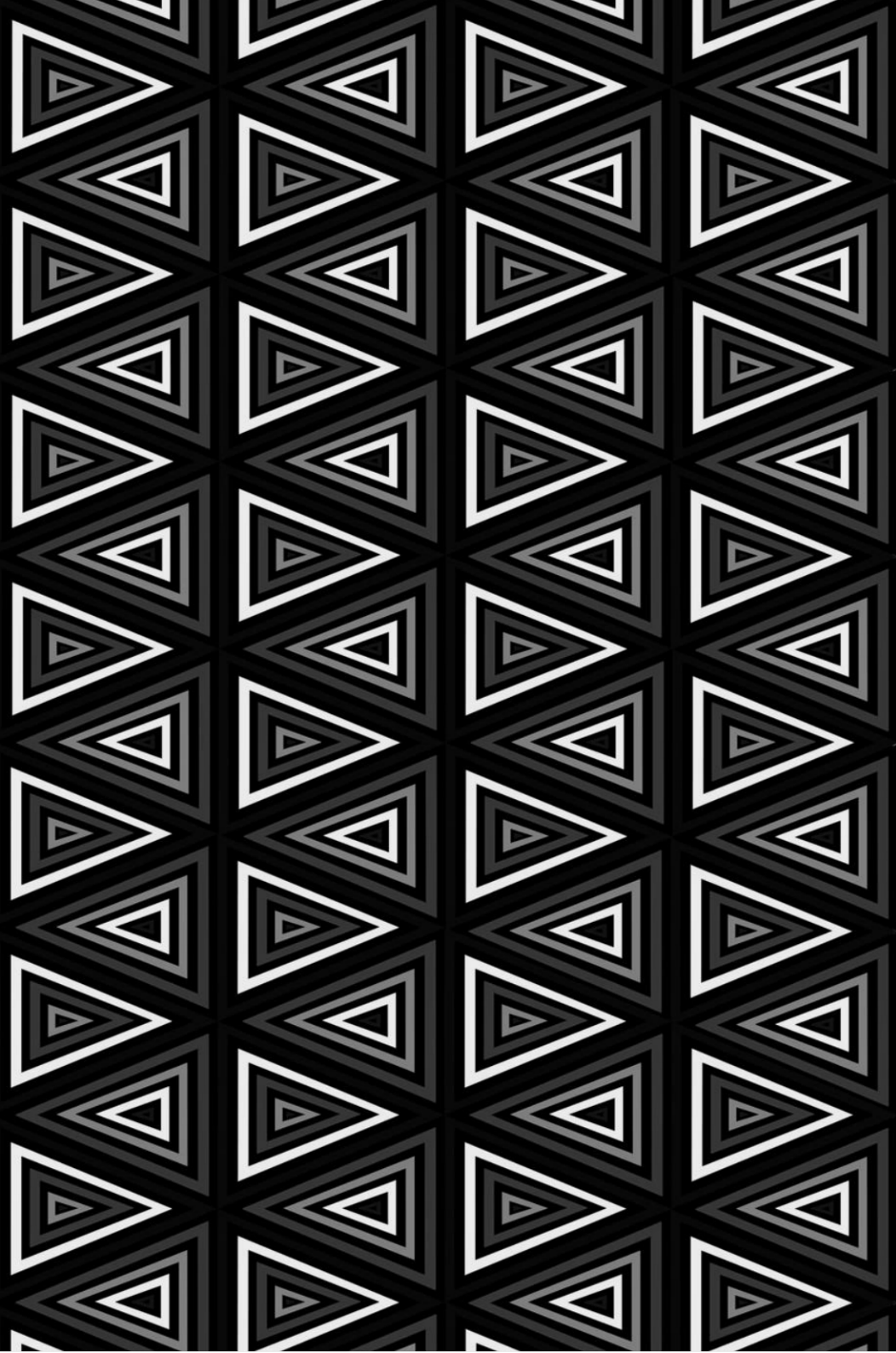
Os versos que seguem trazem jovens identidades sendo reconstruídas/fortalecidas, a partir de novos diálogos e olhares. E estes jovens não estão só, trazem Kendrick Lamar, Machado de Assis, Muhammad Ali e até mesmo Iemanjá, a Rainha do Mar.

As linhas exaltam não só a beleza das formas negras, mas também a beleza e a força da nossa capacidade de ressonar. Expressam desejos outros de uma sociedade outra, na qual possamos resgatar histórias que nos foram roubadas e silenciadas. Os poemas vão gestando pequenas rebeliões, na qual o acesso ao conhecimento é pólvora e o esperançar munição.

Essa produção poética é o segundo livro de poemas elaborado para contemplar os poemas dos alunos e alunas da Escola Antônio Alves Cruz. No primeiro ano (2021) foi produzido o livro “Aspirando palavras de consciência”. O projeto visa publicar uma coletânea poética todos os anos.

Mergulhe na pesquisa de Fernanda Luíza
Aprecie cada poema de estudantes e docentes.
Ressignifique olhares.
Mova-se por novas práticas.
Quebre silenciamentos!

Nágila Oliveira dos Santos
Pesquisadora e escritora



MBIRA: INSTRUMENTOS AFRICANOS EM SALA DE AULA

Fernanda Luiza

Trazer um instrumento africano para sala de aula é o que posso chamar de um “um ato de rebeldia” (WALSH, 2009), uma postura que está sendo gestada, já que trazer esse instrumento é algo “pequeno” se compararmos à produção epistêmica dos povos de matriz africana. Contudo, é preciso iniciar essa construção a partir de algum lugar.

Inicialmente, chamei o instrumento que trouxe para a sala de aula de “kalimba”, mas o processo de apagamento é tão grave que é difícil se atentar as nuances preparadas por ele. Durante a pesquisa me senti presa nesse processo, pois ao aprofundar a pesquisa, percebi que o termo kalimba é uma apropriação da mbira. E mesmo o termo mbira deveria passar pelo processo de decolonização (SILAMBO, 2020).

A mbira está ligada aos afrodecendentes, suas práticas, língua, espaços e momentos; é um instrumento que representa diferentes etnias, mas que foi definido como sendo um único instrumento. Ao longo deste texto, será apresentado vários instrumentos definidos pelo mesmo nome, por exemplo, seria como chamar os instrumentos de cordas europeus como viola, violino, entre outros de violão, sabendo que todos são diferentes.

O instrumento foi apresentado a mim pelo escritor Cuti (Luiz Silva) em um dos encontros do grupo do qual faço parte chamado “Quilomboletras”. Fiquei impressionada com o instrumento e a melodia emitida por ele. A música emitida nos remetia calma e tranquilidade.

Posteriormente, resolvi adquirir o instrumento para as minhas filhas que prontamente interagiram com ele. Por se tratar de um instrumento pequeno, podemos convidar crianças a participarem, dar a cada uma delas uma kalimba, colocá-las em roda e fazer um convite para que toquem.

Nos primeiros instantes da pesquisa, me deparei com essa imagem:



Figura 1 - Registro da obra de J. B. Debret (Sec. XVIII)

Trata-se do registro da obra de J. B. Debret (Séc. XVIII), retratando escravizados com diferentes instrumentos musicais, entre eles a mbira kwanongoma. Se o instrumento é retratado no século XVIII, por que ele não nos é familiar? Essa

indagação nos leva a refletir sobre as diversas formas de silenciamento imposto pelo racismo.

Ao longo da pesquisa, considere necessário descrever os vários instrumentos que carregam o mesmo nome, trazer os instrumentos que comumente são postos em uma mesma classificação é assumir uma postura decolonial:

“como práticas de insurgentes que fraturam a modernidade/colonialidade e tornam possível outras maneiras de ser, estar, pensar, saber, sentir, existir e viver-com” (WALSH, 2013, p 19).

De acordo com pesquisa desenvolvida por Micas Orlando Silambo (2020) as pessoas desconhecem os nomes africanos dos instrumentos, impondo a eles nomes europeus e utilizando um caráter depreciativo. As culturas que pautaram a educação dos seus a partir dos missionários em África referiam-se ao instrumento mbira como “piano de dedo”, “piano de polegar” ou “piano de mão”, a população colonizada por vezes se demonstrava pouco interessada em aprender o nome africano do objeto. Os “pianos de dedo” são uma forma de relacionar a mbira com o piano ocidental, mas ao fazerem isso esvazia-se a essência original do mesmo.

A mbira tem sua origem por volta de 1500 anos na tribo Zezuru, da etnia Veshona, grupo da língua bantu que vive no Zimbábue, Moçambique e Zâmbia (BERLIER, 1993, p 18). Este autor descreve que em 1865, Charles e David Livingstone publicaram o primeiro desenho da mbira entre os Vashona, relatando que as pessoas dessa etnia tinham ferreiros extremamente habilidosos e que a mbira era um instrumento bem estabelecido entre eles.

Silambo descreve, a partir da literatura, duas constatações referentes a mbira, a primeira é que a mbira mais antiga era de origem vegetal, concluindo que ela antecede a idade do metal; a segunda está vinculada a uma abordagem continental das etnias e tribos africanas que datam do período anterior a chegada dos povos europeus na África. Com a chegada dos europeus ocorreu a ruptura territorial e tradicional das nações africanas, essa violação fez com que os Vashona estivessem em pequenos grupos numa parte de Moçambique, Zimbábue e Zâmbia.

Com o processo de colonização os elementos culturais foram retirados de seu contexto original e submetidos à dominação, passando por uma descaracterização e desvalorização, aniquilando, de forma contundente, seu direito de existir de forma tradicional, tudo isso possibilitou os processos de exclusão, reforçando a marginalização, gerando estruturas racistas que impossibilitaram o acesso e a visibilidade desses elementos culturais.

A marginalização nos levou a pensar que os instrumentos musicais de matriz africana são primitivos e rudimentares, quando, na verdade, esse é um pensamento oriundo do processo de colonização e do racismo pautada na colonialidade do saber, cujo pensamento é pautado na repressão da produção de conhecimentos que não são europeus, negando, assim, o legado intelectual e histórico de outros povos (QUIJANO, 2005).

Portanto, trazer os diversos instrumentos classificados como mbira é uma forma de combater os diversos tipos de epistemicídios, evitando assassinatos simbólicos das termologias dos instrumentos musicais e de outros dispositivos africanos.

Canta Kalimba: Coletânea Poética

Os epistemicídios musicais são crimes cometidos contra um conjunto amplo de expressões culturais que, por processos históricos de exclusão, foram expulsas dos lugares de destaque na sociedade (Queiroz, 2017, p. 108). Tal exclusão se deu, e ainda hoje se dá, pela associação dessas músicas a outros sistemas de organização sonora e outras formas de expressão cultural, geralmente vinculadas a grupos subalternos ou a práticas que, a partir de valores hegemônicos do hemisfério sul, são consideradas como desprovidas de valor estético, simbólico e social. (QUEIROZ, 2018 p.137).

Refletir sobre o epistemicídio musical e as termologias da mbira em seu contexto cultural se faz necessário numa perspectiva decolonial.

A cultura, como representação simbólica, é capaz de transmitir linguagens e práticas identitárias, fortalecendo e libertando um povo.

A cultura provou ser o próprio fundamento do movimento de libertação. Somente as sociedades que preservam suas culturas são capazes de se mobilizar, organizar e lutar contra a dominação estrangeira. Quaisquer que sejam as formas ideológicas ou idealistas, a cultura é essencial para o processo histórico. Ela tem o poder de preparar e tornar férteis os fatores que garantem a continuidade histórica e determinam as chances de uma sociedade progredir (ou regredir) (CABRAL, 1973, p. 16)

A mbira é um nome genérico que caracteriza vários instrumentos que seguem uma mesma estrutura física, mas que são diferentes de diversas maneiras. Por isso, valemos-nos da pesquisa do autor Micas Orlando Silambo, músico, nascido em Maputo, Moçambique, e que começou a estudar

música entre 2005 e 2006. Ele é licenciado e mestre em música. Atualmente, é pesquisador na área de Musicologia e Etnomusicologia, e se dedica ao estudo de instrumentos musicais de matriz africana. Além disso, é detentor de vários artigos, dissertações e teses em que é possível identificar referências significativas sobre o instrumento a partir do olhar decolonial. Desmitificar e nomear os instrumentos de forma adequada é recolocá-lo no local de origem, deixando de classificá-lo como “o outro”, respeitando a cultura do qual ele faz parte.

O instrumento apresentado aos alunos participantes da pesquisa elaborada por mim é a kalimba, segundo ele. A kalimba ou karimba é um instrumento pequeno da família do Xikulu.

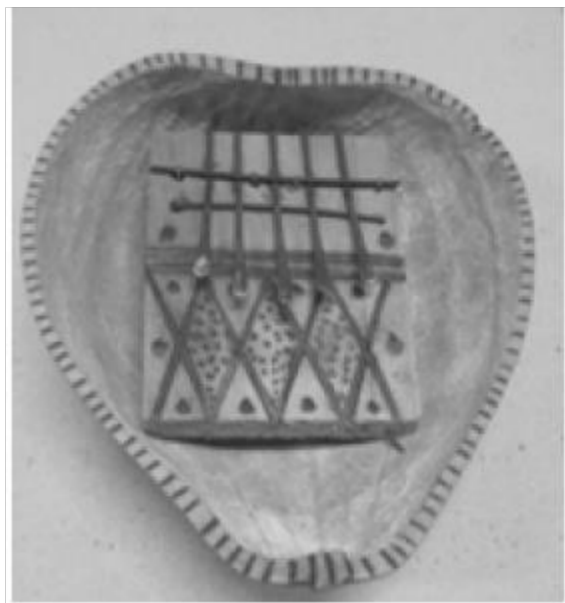


Figura 2 - Karimba ou Kalimba (SILAMBO, 2020)

O prefixo “ka” é um prefixo diminutivo, que é uma indicação de um instrumento pequeno em relação a outros da mesma família. Outros pesquisadores indicam ainda que a kalimba é um instrumento que constitui a base de iniciação para outros instrumentos mais complexos como a Mbira Ndimba.

Algumas culturas têm instrumentos musicais designados como instrumentos infantis. As crianças normalmente constroem esses instrumentos sozinhas e as usam para adquirir a habilidade de performance e exercícios individuais ou em grupo de criatividade que eventualmente os qualificarão para recrutamento em grupos adultos, mesmo em uma idade muito jovem. Os instrumentos musicais das crianças são menos duráveis e são réplicas menores de instrumentos adultos. Eles são feitos de materiais baratos e às vezes perecíveis. Como tal, a qualidade do som pode não ser tão boa quanto a dos instrumentos dos adultos (NZEWU, 2007, p. 81)

Silamo (2020) descreve a variação da terminologia das consoantes “L” e “R”, pois esses fonemas sofreram uma permutação na língua bantu, por isso “varimba” torna-se “valimba”, “karimba” torna-se “kalimba”, “chirimba” torna-se “chilimba”. Os povos que fazem essa alternância são os Vashona, Vandaus e Varsenas.

Segundo as normas das línguas bantu “o tema básico nestas designações é *-rimba* ou *-limba* que se refere a uma nota ou tecla da *Mbira* ou xilofone, no entanto “*marimba* ou *malimba*” são os plurais de *rimba* ou *limba* (notas,teclas), respectivamente, pois *ma* é o prefixo

Canta Kalimba: Coletânea Poética

plural de *ri* ou *li* classe nominal a que *rimba* pertence (SILAMBO, 2012, p. 24).

A kalimba é um instrumento antigo, datado há séculos, mas não é comumente utilizado nas cerimônias de evocação dos espíritos ancestrais, ela é utilizada no acompanhamento de danças realizadas pelos povos para relaxar depois de um dia de trabalho no campo.

A mbira de vadzumu, figura 3, é utilizada em cerimônias religiosas, os povos aos quais o instrumento está mais relacionado é o Matepe, Hera ou Madhebhe, Vazema do Zimbabue e Vatavara de Moçambique.



Figura 3 – Mbira dza Vadizumu (SILAMO, 2020)

A mbira dza Vadzimu é utilizada para entreter e em cerimônias para evocar espíritos ancestrais dos Vashona, assumindo uma linguagem entre os espíritos ancestrais

Vashona e seus descendentes vivos. Esse instrumento é um artefato sagrado por causa de seu papel crucial nas cerimônias de tradição Vavezuru, apresentando-se como uma ponte entre os mortos e os descendentes vivos.

É comum relacionar mbira de vadzimu com o Matepe ou Madhebhe dzaMhondoro, figura 4, este instrumento está relacionado aos espíritos ancestrais e, particularmente, com o espírito responsável pelo clã de cada chefe ou subchefe, descreve a citação de Laina Gumboreshuma:

está associada aos *Vadzimu* (espíritos ancestrais) e, em particular, ao espírito tutelar do clã de cada chefe e subchefe, conhecido como *Mhondoro* (leão). A conexão de *Matepe* com os ritos do culto aos antepassados envolve qualquer ocasião ritualística como a indicação de um chefe, oração de pedido de chuva (*Mukwerera*), festas de bebidas tradicionais destinadas a uma pessoa doente ou uma cerimônia de posseção (*Svikiro*). Nestas ocasiões é desejável que os executantes de *Mbira* estejam presente para tocarem músicas contextuais, em homenagem ao *Mhondoro* em questão (GUMBORESHUMBA, 2009, p.30)

O instrumento descrito nesse contexto é considerado o símbolo da autoridade que é investida ao sujeito durante o rito da comunidade. Essa mbira Mapete possui timbre agradável, alcançando três oitavas; sua origem é Nyombwe, distrito de Darwim no Zimbábwe (SILAMO, 2020).

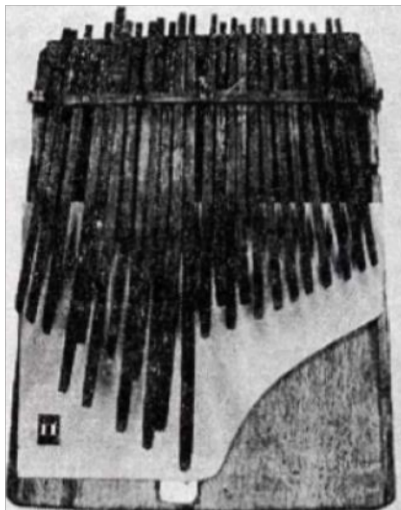


Figura 4 – Madhebhe dzaMhondoro (H. TRACEY,1969, p.87)

Existem outros instrumentos como a *Njari*, *Nhare* e *Nyonganyonga* que também eram utilizados em rituais que envolviam os espíritos ancestrais e várias situações do cotidiano do povo em África, como cerimônias fúnebres, curas de enfermidades, pedidos de chuva, e outras atribuições humanas como o desenvolvimento de técnicas, troca de material e da própria fabricação do instrumento.

Em outros contextos, temos a mbira *Nyunganyunga*, figura 5, que de acordo com Silambo (2020) existia em Moçambique com nome diferente, e foi levada de Moçambique para o Zimbábue. Neste país, o instrumento era chamado de *Sansy* (*Chisansi* ou *Kisansi*) conhecido como *karimba*, tocada pelo povo *Vasena/Vanyungwé*. No Zimbábue, nos anos 60, sofreu uma transformação, ganhando mais duas teclas para adequar-se à música dos *Vashona*.

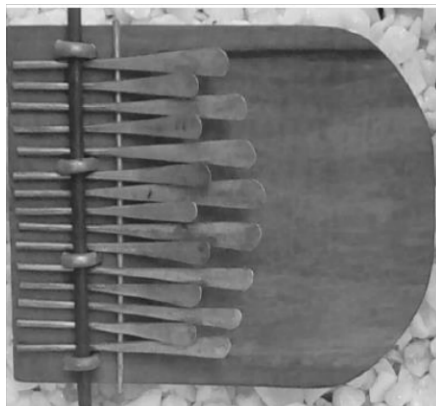


Figura 5 - Mbira Nyunganyunga (MUCAVEL, janeiro, 2018)

Às vezes, essa mbira era chamada de mbira kwanangoma, no Zimbabwe (GUMBORESHUMA, 2009, p. 27-28), essa etnomusicóloga justifica que a nomenclatura dos instrumentos tradicionais africanos às vezes refletia contextos ou locais em que foram fabricados. As mbiras de kwanagoma procediam da escola de Kwanagoma. Este era um colégio, fundado em 1960, e era a instituição oficial para que alunos africanos desenvolvessem a música tradicional africana e europeia para posteriormente tornarem-se professores.

REFERÊNCIAS:

BERLINER, Paul. *The soul of Mbira: music and traditions of the Shona people of Zimbabwe*. Berkeley, CA55: University of California Press, 1978.

GUMBORESHUMBA, Laina. *Understanding form and technique: Andrew tracey's contribution to knowledge of lamellophone (Mbira)*

Canta Kalimba: Coletânea Poética

music of Southern Africa. 2009. 125 f. Dissertação (Mestrado em etnomusicologia) – Rhodes University, África de Sul. 2009.

MUCAVEL, Ivan Johan. [*Mbira Nyunganyunga*]. 2018. 1 fotografia, color.

NZEWI, Meki. A contemporary study of musical arts Informed by African Indigenous knowledge systems. Pretoria: Centre for Indigenous Instrumental African Music and Dance (CIAMDA). 2007. Volume 2.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões. *Revista da ABEM*, v. 25, n. 39, 2018.

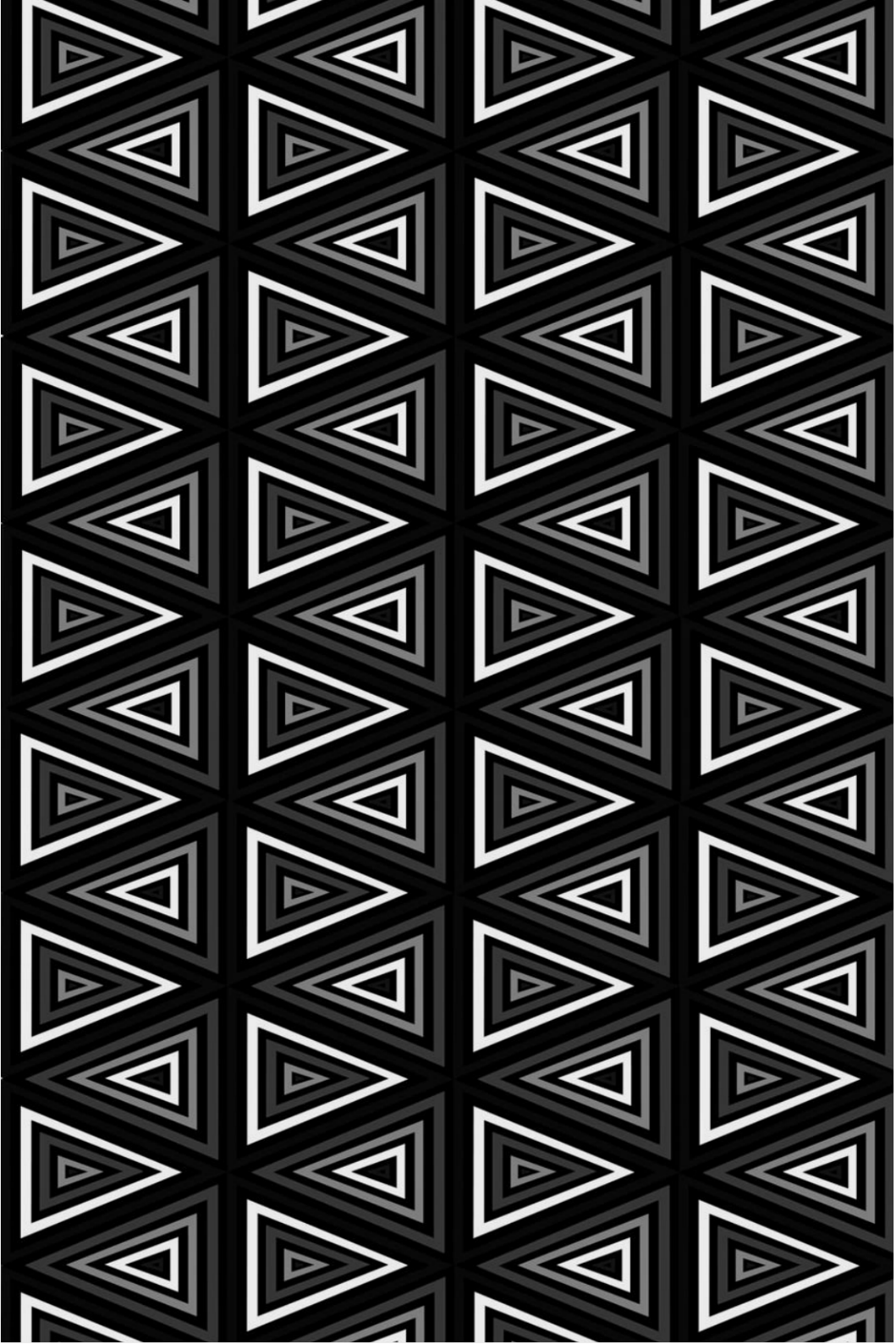
QUIJANO, Aníbal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. *Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, p. 117-142, 2005.

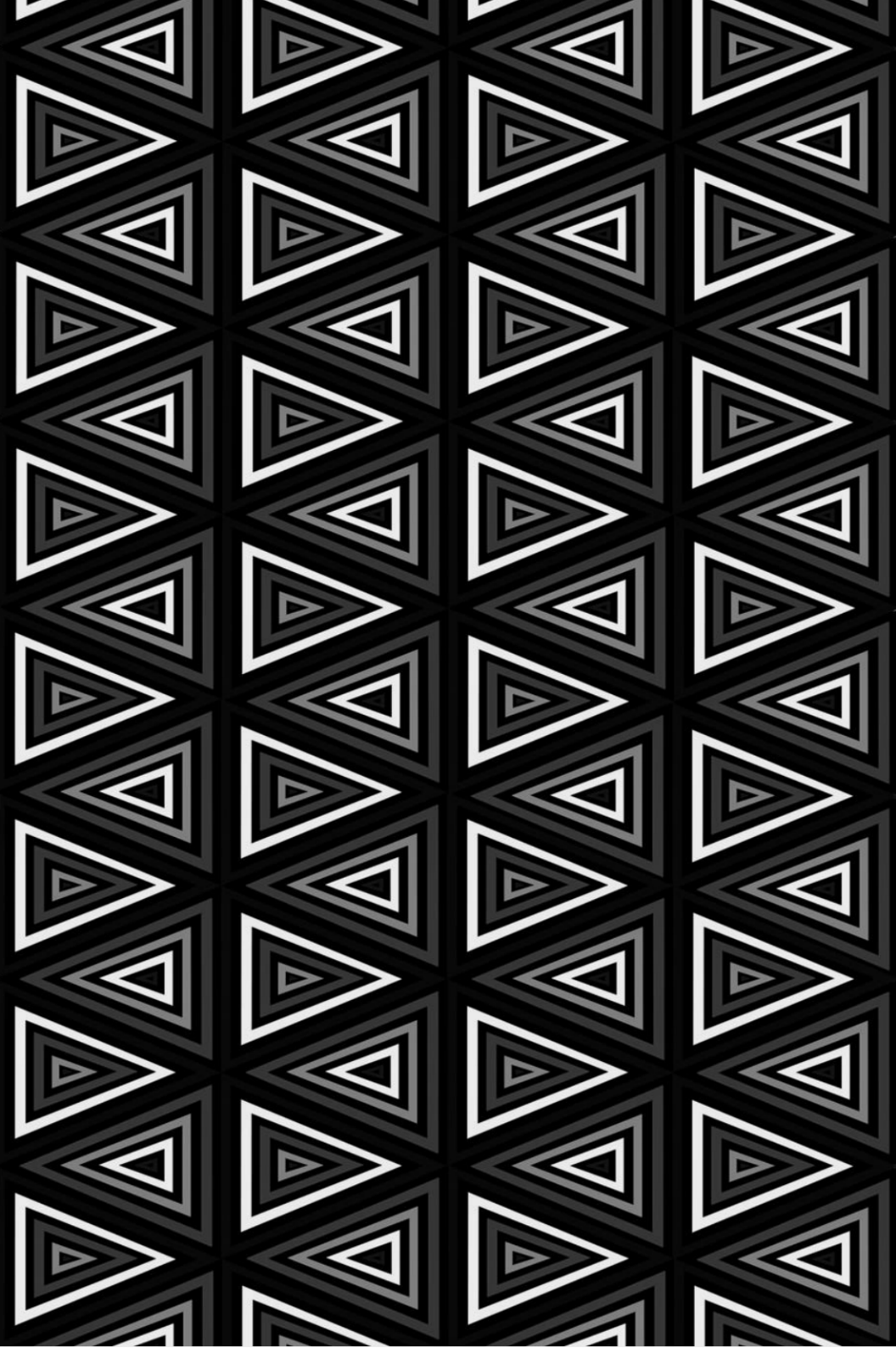
SILAMBO, Micas Orlando. A prática de ensino de Mbira na música Moçambicana: aspectos didáticos e metodológicos. In: XXIII Congresso Nacional da ABEM. Manaus, 16 a 20 de outubro de 2017

SILAMBO, Micas Orlando. Valeria a pena decolonizar as terminologias da mbira?. *Muirakitã: Revista de Letras e Humanidades*, v. 8, n. 2, 2020.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. In: *El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*, p. 47-62, 2007.

WALSH, Catherine (Ed.). *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones





ANNA CAROLINA LOPES DE AZEVEDO

Som de Kalimbas

Pulinhos acompanham
mwaná¹, cantigas cantam
Ao som de kalimbas
lições são aprendidas

Mwdzidzisi² se empenha a passar
o conhecimento que tem para dar
Ao som de kalimbas
ensina mwaná

Kalimbas veem mwaná
enquanto gotas d'água imitam
como pérolas negras
a cantigas cantar

¹ Mwaná: crianças em xona

² Mwdzidzisi: mestre/professora em xona

VITOR PINHO LOPES

Poeira e axé

Afoxé, a mistura de poeira e axé
Uma grade que o circula
O som que se ocupa
Da cabeça ao pé
Do coração ao afoxé
Quando o festival gargalha
O afoxé chacoalha

JÚLIA SANTOS

Balafon

o som do balafon aquece meu coração
pois dele sai um som que me lembra a paixão
aquela paixão triste e com amor, sem reação
ouvir esse instrumento é tão bom.

LUCAS MÜLLER

Balafon

Balafon é um instrumento,
Também um equipamento,
pouco conhecido mundialmente.

Aparenta um xilofone,
Mas é feito de couro e cordas,
Tem um formato curvo e denso,
Que força tem o instrumento.

Sua origem, a África,
Utilizada na cultura,
Ambas dançam e cantam,
Para expressar o seu sentimento

MATHEUS MINICELLI

Morte na praia

Certa vez morri na praia.
Assim como morri diversas outras vezes.
Minhas pernas se recusam a aguentar meu peso por mais um
dia sequer.
Minhas mortes externas.
A cada vez que me deparava com a sensação de inutilidade,
de impotência ou a falta de propósito.
Minhas mortes internas.
A cada aperto no peito.
Cada fragmento de mim que se perdeu.
Certa vez morri na praia.
Meus dedos enterrados na areia seca e o vento gelado
traziam solidão.
Indignado com a nova situação, tentei escapar.
Tentei nadar, mas as ondas me trouxeram de volta.

O portal

Minhas pálpebras pesadas têm se cansado facilmente.
A melancolia que o vento frio traz me acerta o rosto e
bagunça meus cabelos.

Cansaço físico, resultante de minha fatigada mente.
Piloto automático.

Mais um rosto andando na direção oposta.
Apenas isso.

Um abraço firme do móvel.

Aconchego imaterial.

Mande depressa

Pra outra realidade, um portal.

Mas quem me perdoará por cruzar essa linha?

Quem entenderá a razão do meu ato?

Equilibre-se, alma minha.

Espírito de um bufão cansado.

Caminhada Soturna

Está frio.
Em meio a noite manchada de tinta, eu caminho.
Devagar.
Desesperançoso.
Desacompanhado.
O silêncio mortal da madrugada me acalma, mesmo me deixando inquieto.

Nada se pode ouvir, a não ser pelo miado de um gato de rua
que me cumprimenta.
Um leve sorriso involuntário me preenche o rosto.
E, instantes depois, volta.
A melancolia.
A solidão.
O cinza.

Uma brisa singela, tão só quanto eu, resfria meu peito.
Ela me convoca a uma outra realidade.
As ruas são as mesmas, mas algo está diferente.
Meus passos silenciosos, outrora indiferentes, soam
amargos.
Nada mais existe, a não ser o silêncio.
Silêncio enlouquecedor.

Penso em cantarolar, mas já não ouço minha própria voz.

Canta Kalimba: Coletânea Poética

Penso em deitar-me e deixar que esta realidade apática me
engula por completo.

Penso em um dia ser como aquele gato.

Penso.

Penso.

Peso.

Boa noite, terra, cinza

Ó grande mundo! caminharei por tuas costas.
De ponta a ponta, de polo a polo.
Sem mesmo mover um dedo.
Saúdo-te, Terra onírica.
Lar dos cansados destemidos.
Sonhos milenares.
Efêmeros feito fogos de artifício.
Bom dia, novamente, terra cinza.

FILIFE MARTINS

Na pele

Pela pele sentimos
Na pele ouvimos
Na pele falamos

Pela pele morremos
Pela pele criamos
Pela pele juntamos

Por ti, por nós pretos
Jovens pretos
Velhos pretos

Que vivem e viveram
Racismo na vida nua
Sem dó, sem alma

Sem amor, sem luz
São eles que ferem
O povo que reluz

Sem paz, sem pudor
Sempre andamos
Na atenção

Mas um dia
Teremos vigor
De enfrentar o temor

E receber a coroa
Coroa de união
De coragem, de justiça

Sem escravidão
Essa será
Nossa ascensão

GIOVANNA MABEL

Djembê

A melodia me faz sentir arrepios

Arrepios que vem da alma

Som que encanta mundos

E nos faz felicidade

Som agudo, diferente

Som que nos traz paz

Paz que vem da vida

Colorida, e divertida

Djembê, som que remete multidão

Harmônia com o coração

Djembê traz alegria

Alegria feito uma magia

JULIA BATISTA

Mbira

Somos a serenidade da mbira
o canto da sua voz
Percebemos nossos corações
como as batidas fortes dos tambores
O trio de berimbau nos faz transitar de um jogo rápido e mal-
assombrado
para mais bela das danças, numa ginga só nossa
Iemanjá nos entende.
entendemos a dança do mar

Você é voz

Os seus áudios demorados,
As suas falas lentas, seus três minutos de acalento.
As pessoas te interrompendo, você se calando para mim e se
abrindo para o outro, as vezes com calma, as vezes com
raiva.
A força na sua fala, a melodia das suas alegrias, o cantar do
seu choro.
Você é voz. Você é você.
E você sempre será nós.

Balançar da sua saia

Quero me perder no balançar da sua saia
No rodar da sua dança
No crespo de seus cabelos
Na escuridão da sua pele
Na sinfonia das tuas músicas e, principalmente,
No doce de seus lábios

ANNA LUIZA SOUSA

Reflexo

eu sou um reflexo seu,
me espelho em cada atitude sua
por pior que qualquer uma seja;
eu sou um reflexo,
o pior deles,
me baseio em seus erros e
eu cresço com base nas suas falhas

eu sou um reflexo seu
e por mais que você odeie
quando eu ajo por impulso, e sem pensar
eu sou um reflexo seu
eu ajo como você age
eu grito como você grita
eu choro como você chora
em uma versão piorada

eu sou um reflexo seu
o pior deles
não a cópia exata
a cópia que sabe que é um erro
e sabe que a original está errada
eu sou um reflexo seu

e espelho cada erro seu
reflito cada falha
estampo toda e qualquer atitude amplamente ruim
que você tenha

mas eu sou a errada
eu sou a egoísta
e eu sou a louca
sou eu quem grita demais
sou eu quem fujo de conversas
sou eu quem se estressa
e explode
mas não esquece
eu sou só um reflexo
um reflexo do meu criador

um reflexo de quem me fez,
e claro quem me transformou
no que eu sou
eu sou só um reflexo seu

Cômodo

you se torna cômulo para mim,
cada fala, cada toque, cada mensagem
virou rotina
eu sinto falta quando nada disso acontece
e eu sou errada por sentir que isso se tornou rotineiro,
me sentir confortável com a situação de ter você ao meu lado
mesmo você não estando
realmente
do meu lado
parece horrível e eu sei que é errado
eu buscar em você conforto
e não retribuir isso.

mas eu não consigo.

eu queria que tudo voltasse a como era antes
quando você não era cômulo pra mim,
e eu não era um empecilho pra você.
eu sinto falta de ser só uma amiga
e me abrir com você
te olhando nos olhos, sem gaguejar
sem fraquejar, sem fugir de você.

you finalmente conseguiu um poema só seu.
e eu me sinto horrível por isso.

Sufocar

no fundo do mar que eu atenciosamente
nomeei de consciência
eu me sufoco
com pensamentos intrusivos
me afogo em sentimentos abundantes

e como se eu fosse um peixe dourado
solto em água salgada,
eu afogo pouco a pouco

todos aqueles sentimentos que eu acumulei
em meio a todos esses dias, acabaram se tornando
meses, quase anos, e esse peixe gigante e instável
vem para cima de mim,
no fundo do meu mar.

ele me engole, assim como eu o fiz, diversas vezes
uma espécie de revanche
seu estômago frio e escuro
é claustrofóbico e chega a ser vazio,
tão vazio quando o meu
tão oco quanto eu.

ele me digere.
me oxida, como se eu fosse só mais uma comida
eu sou.

ele me cospe, no fundo do mar
a água fria me toca, me gela
aquele peixe instável e gigante se torna minúsculo
mas ainda é grande o suficiente para eu ver seus olhos
esboçando cansaço.

meu cansaço.
eu era aquele peixe, minúsculo, indefeso e exausto.
afinal, eu sou o que meus sentimentos me moldam

já fui grande, e pequeno
fraco demais e excessivamente forte
agora, eu era um peixe palhaço.

no meu fundo do mar
não sou eu quem faço as regras, eu as sigo
por mais que seja minha consciência, não me sinto
no controle
aqueles sentimentos grandes e pequenos comandam tudo
menos a hora que vão explodir

instáveis.
como o mar.
às vezes me sufoca, e quase me afunda
mas estou aprendendo a nadar.

ALEXSANDER DE LIMA LOCH

Compreendido

Som doce e auditivo
Esse som me faz se sentir vivo
Som maravilhoso e esplêndido
Ao escutar me sinto compreendido

Instrumento fenomenal
Quando escuto nunca me sinto mal
Instrumento subentendido
Ao escutar sinto como se tudo fosse compreendido

NICOLE NASCIMENTO

Ingenuidade infantil

Ser criança hoje em dia tem seus males e benefícios
Uma criança de família bem-sucedida sempre terá
Do bom e do melhor
Já a outra,
Do que tiver de pior.

Milhares de crianças pretas trabalham e não têm
Condições de terem uma infância normal
Trabalham 24h por dia e quando chegam em casa
São escravizadas pelos próprios pais.

A imagem acima, mostra a triste realidade na qual vivemos,
Onde crianças pretas trabalham no semáforo faça chuva ou
sol,
Ficam horas sem comer e nem se quer,
Podem estudar.

Por outro lado, têm uma criança branca,
Dentro de um carro, sorrindo pois o menino do lado da
janela
Brinca com ela com uma bolinha.

Difícilmente essas duas crianças se encontrarão no futuro,

Canta Kalimba: Coletânea Poética

Mas o menino preto nunca esquecerá da criança,
E muito menos,
Das diversas horas que ficou trabalhando de baixo do sol
Com a barriga doendo de fome.

Chega de desigualdade no Brasil.

A realidade das Favelas

"A cada quatro pessoas mortas pela polícia,
Três são negras
Nas universidades brasileiras,
Apenas 2% dos alunos são negros,
A cada quatro horas,
Um jovem negro morre violentamente em São Paulo
Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente."

Todo dia eu acordo e faço uma oração e peço pra que
Eu volte para casa em segurança e não seja
"Confundido" com bandido e acabar sendo mais um.

Muitos de nós aqui da favela queríamos sim
Ter uma segunda chance e sermos tratados
Como gente,
Poder andar na rua sem se preocupar ao ver
O carro da viatura.

Muitos de nós acordamos cedo,
Trabalhamos e nem se quer
Pensamos em se envolver com o crime,
Muito menos
Acabar sendo morto por engano.

O Estado ignora a gente, só aparecem aqui em época

De eleição, quando querem votos e fingem ser uma
Boa pessoa.

Semana passada uma mina foi encontrada morta e
estuprada,

Devia estar com muita raiva, mano quanta paulada

Ela estava irreconhecível, o rosto desfigurado

Deu meia noite e o corpo ainda estava lá,

Coberto com lençol, ressecado pelo sol

E o IML estava só 10 horas atrasado.

Aqui onde eu moro é um barraco pequeno, onde moram

Três pessoas, direto sobe um cheiro horrível de esgoto

Mas eu já me acostumei, meu único lar, meu bem e meu
refúgio.

Aqui já alagou várias vezes,

Perdi cama, guarda-roupa, comida

E até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou,

Fizeram uma pá de perguntas logo depois nos esqueceram,

Como sempre.

Tenho meu parceiro Dadinho, que cresceu comigo

Sempre fez coisa errada, mas eu sempre o salvei

Ele mora com a dona Ana,

Uma senhora firmeza, negra, trabalhadora

E nunca deixa faltar nada na sua casa,

Muito menos para os seus filhos.

Só que com o passar do tempo,

Dadinho se envolveu com coisas erradas,

Roubou um motel,

Matou pessoas,
Tava trabalhando na boca e se pá era até gerente
Quando eu descobri fiquei magoada e fui trocar uma
Ideia com ele
Fui na “boca” procurar por ele,
Quando cheguei me deparei com ele sentado em uma
Mesa, com um cigarro na boca e com muita grana na mão.
Logo em seguida o chamei de Dadinho e ele respondeu
"Dadinho é o caralho, meu nome agora é Zé Pequeno porra"
Fiquei meia assustada com a reação dele e chamei pra
Conversar,
Confesso que não foi umas das melhores conversas que já
tive, tanto que saímos brigados e não nos falamos mais.

Depois que uns anos,
Fiquei sabendo que o Zé Pequeno foi morto e jogado no
Rio da favela mesmo, como um indigente.
A dona Ana ficou abalada, e acabou ficando doente
A perda do Dadinho e Dona Ana comoveu muita gente,
O clima tava pesadíssimo, acabei nem comparecendo no
Enterro dos dois
Que descansem em paz.

DANIELLY SANTOS

Ensino médio

No primeiro ano, um cabelo bagunçado,
Uma blusa xadrez e um estilo de rock.
Roubaram meus olhos, em todo lugar tentava te encontrar,
mas de pouco a pouco, meus olhos logo mudaram de
direção.

No segundo ano. Estava no meio da escuridão, no meio de
lixo e ratos,
Quando um anjo de cabelo crespo apareceu, mas logo para
longe foi.

No terceiro ano. Busco até a baixaria para que seus olhos
castanhos, um dia busque a minha direção
Enquanto nada acontece, minha única estrada é seguir em
frente, mas com os pensamentos em olhos castanhos.

CL

Hoje eu acordei pensando em você
Hoje eu acordei e pensei ... Por que não?

Por que não dançar na chuva até cansar? Por que não
admirar o pôr do sol todos os dias antes dele realmente
começar?

Por que não sentir o aroma das flores e me perguntar
Qual perfume combinado com você?

Mas então e me lembrei que você não estava aqui
Que você não está (Se é que esteve algum dia)

Porém, percebi.
Que mesmo que não fosse ao meu lado na minha cabeça, em
meu coração sempre haverá um pouco de você
Cada dia mais.

Coragem

Cabelo castanho, um lindo sorriso
E eu já tô feliz só em olhar
Se tá feliz, tamos junto
Se triste, estamos

Nunca me viu, mas eu vir
Não quero, mas quero
E você não, ou sim
Talvez se eu tivesse coragem
Mas não tenho

Coragem que eu não tenho
Coragem que me saltaria da solidão
Você teve, mas não para mim
E Talvez nunca terá

CGA- CAUÃ G. AGUIAR

Prelúdio do prefácio do caos

“Eu tive um sonho” e ele foi atropelado por ônibus e
soterrado pelo concreto,
É a sina que carrego desde que era um feto, não existe um
caminho reto.

Mas eu vou sangrar até o último segundo em minhas
palavras para que meu povo não derrame o pranto em seu
próprio reflexo,

Já me perdi em tantos versos, me encontro submerso em
poemas para transformar nossa autoestima em poesia.
Palavras mais intensas que sexo.

Não quero ser líder, quero movê-los com meu chamado,
evocar os oprimidos que não se sentem representados.
Disseram que preto correndo é ladrão, tô correndo atrás do
meu Nobel e roubando o lugar daqueles que não merecem,
Tô escurecendo folhas brancas. Tudo que escrevo vem em
negrito pra tu lembrar a importância de versos negros, não
me importo se eles te encham de ódio ou te apeteçam.
E como Kendrick farei meu povo acordar todo dia dizendo ao
espelho o quanto se amam. Contrariando dados.

Tão achando que é café com leite? Esse é o amargo do grão
mais puro e preto desse país.

Canta Kalimba: Coletânea Poética

Pode botar meu nome do lado do Machado que eu vim para
derrubar suas árvores de dinheiro,
Não me importa se minha luta te deixa infeliz, eu vim pra
curar a cicatriz, não tem bombeiro que apague o fogo do
isqueiro daqueles que estiveram tanto tempo em cativeiro.

Pesado como os socos de Muhammad Ali, queimando como
o sol no Egito em meio as areias douradas como os adornos
que tomaram de nós,
E depois chamam meus irmãos de escória. Palavras, essas
são nossas armas para desatar esses nós.
Canto nossa dor para não nos sentirmos a sós. Esse é o
prefácio do meu próprio caos, e quando terminar terei
reduzido teus preconceitos a pó.

TARSILA V

Minha casa, meu lugar

Lá, fora daqui
Sinto que posso ser livre
Lá, bem longe daqui
Sinto que vão me ouvir
Lá eu posso tocar, dançar e sentir
Tão longe, mas tão perto
Onde é o meu lugar?
A música me chama como o canto de uma sereia
É impossível resistir
Nadarei os sete mares em sua busca, eu não vou desistir
Quando chegar irão me acolher
Tenho certeza disso
Eu não irei me arrepender.

ALESSANDRO FERNÁNDEZ

Ressonhar

Do descanso me levanto cansado.
Quando acordo me recordo do passado;
Passado esse em que me sentia no presente;
Presente esse que no futuro foi roubado.

Sonhava dormindo, sonhava acordado.
Acordava sempre sonhando o que eu tinha sonhado.
Dormia sempre sonhando que os tinha realizado.
Mas de tanto sonhar, me vi cansado.

Creio que agora acordei, ou talvez dormi.
Pois não vejo mais o que de olhos fechados consegui.
A escuridão me fez ver o que nunca vi.
De exaustão apaguei a luz que sempre segui.

Mas ainda sonho em estar certo ao pensar estar errado.
O sonho do meu presente é resgatar o que me foi roubado.
Roubaram sonhos que sonhei, e o futuro do meu passado.
O meu presente para o meu futuro é ressonhar o que foi sonhado.

As crianças

Limpamos a saliva que cuspistes em nossas caras,
E seguimos tentando mudar o nosso mundo,
Pois somos imunes às suas consultas.
Sabemos bem pelo que estamos passando.

Mudanças.

Viramo-nos e encaramos o estranho.
Não nos digas para crescer e sair disto.
Não tens vergonha?
Estamos sufocados com isso!
O tempo pode mudar-nos,
Mas você não pode traçar esse tempo.

Baseado em "Changes" de David Bowie.

Corte

A tinta neste papel é como meu sangue respingado, de forma poética, a dor de tudo o que sinto, através de um corte em minha alma.

E as letras que esta tinta forma, são tentativas frustradas de expressar o que nunca poderei.

Ainda assim o faço, pois nisto encontro alívio.

BIA OLIVEIRA

Viva a Negritude

Ouçõ os tambores ancestrais tocando
O som da cúca se espalhando
E meu coração pulsando

Na roda de família as saias vão girando
Em um grande fogão a lenha, vovó preta vai cozinhando
"VIVA A NEGRITUDE" meu tio grita

Sorrio com a sensação de liberdade
Mamãe e papai dançam a vontade
Isso sim é felicidade

Quando eu era menor, mamãe falava:
Saiba a sua verdadeira história
Porque um dia tentaram apagar da sua memória

Olhando essa negrada reunida
Tenho uma certeza genuína
Dessa memória não me esquecerei em nenhuma de minhas
vidas.

Da solidão vem a força

Brinque o quanto quiser
Dance pequena menina
Sorria quanto puder

Nesse mundo tentarão te parar
Não adianta se esconder
Eles sempre vão querer te derrubar

Sua pele escura e brilhosa vai tentar exilar
Seu cabelo crespo quer prender
E de seus machucados ninguém irá cuidar

Quando crescer, criará corpo
Os homens irão te desejar
Mas nunca o suficiente para assumir

A dor da solidão baterá
Lágrimas irão cair
Mas você nunca cairá

De mulheres fortes você nasceu
Pela liberdade cresceu
E da ancestralidade se ergueu

Mostre seu lindo sorriso pequena menina.

Guerra contra a morte

Volte para mim, meu menino
Sare minha dor, meu Deus
Devolva ao meu ventre a minha criança

Olho para o céu e a dor me abate
Lágrimas caem em meu rosto triste
Entre a guerra e a vida, nem um empate

E dessa guerra perdi a minha vida
Meu sangue, minha cria
Nessa circunstância maldita

Nas vielas escuras, longe ele passava
pela cor levaram meu pequeno
e na curva escondida, lá o tira estava

Sempre o avisei:
"Tome cuidado, volte para mim o perigo está ao lado"
Menino tolo, não me escutou e a dor do luto me pegou

Não desejo essa perda para ninguém
Na calada da noite o choro me convém
E a justiça não vem

E com imensa devastação
Contra morte protegi o meu bebê
E com ela perdi sem crer.

NADYA MUSA

Perdida

eu me sinto perdida, é isso que você ouviu
eu me sinto perdida em um mundo repleto de falsos poetas,
antigos amores, novas obsessões e as mesmas dores.
EU DIGO E REPITO! eu me sinto perdida em um mundo
repleto de demônios bons e anjos maus
não faz sentido eu me perder na paz e me encontrar no caos,
eu sei me virar na minha bagunça mesmo minha mente
estando um furacão
Eu sei enganar os meus pensamentos mesmo que eles falem
mais alto que o vento
Eu não sei em que momento o mundo perdeu a COR
eu tô cansada e ofegante quero sentar e descansar, mas olho
para trás, mais uma vez, e algo volta me atormentar e é
exatamente isso que me dá forças pra continuar.
Eu me sinto perdida, mas afinal quem liga pra isso eu sou só
uma poeta preta brasileira que, ama, escreve e sente tudo o
que é verdadeiro

Corre

O tempo tá passando, “neguin”, então corre! acharam que eu tinha morrido, mas esqueceram que a esperança do povo é a última que morre.

Um dia me perguntaram se eu queria morrer como um rei ou como um Zé

Logo pra mim que não sabia viver e não tinha ideia de como estava de pé.

eles querem arrancar a minha cabeça e dar para os porcos comerem, mas isso ninguém tem coragem de fazer.

Eu sou a sujeira que vocês criaram e não conseguem esconder

Eu sou genial e preguiçosa

mas se algum dia esse "pecado" me abandonar é certo que eu vou ganhar.

Eu me sinto SOL brilhando pra caralho chamando atenção tudo que eu falo vocês “embasa”

mas a verdade é que meu ego é tão grande que se qualquer Ícaro sentar perto de mim eu queimo as suas asas

Não sabemos lidar

Pessoas me perguntam o porquê poetas são poetas
eu não sei responder corretamente, mas, primeiramente,
gostaria de dizer que nós não sabemos lidar
alguns escrevem por não saber lidar com o amor
outros por não saber lidar com a dor.
não sabemos lidar,
as coisas parecem nada demais
para quem quer se aprofundar,
nós não lidamos,
nós nos derramamos,
quando amamos, nos emocionamos
pois temos muito pouco tempo para proporcionar tudo que
imaginamos
não nos contentamos com pouco.
Quando sentimos, não é algo leviano ou mediano
sentimos muito ou sentimos nada.
quando a questão é dar sentimentos
Acontece com fervor
Me perguntam por que eu sou poeta?
Então lhe digo: não sei lidar

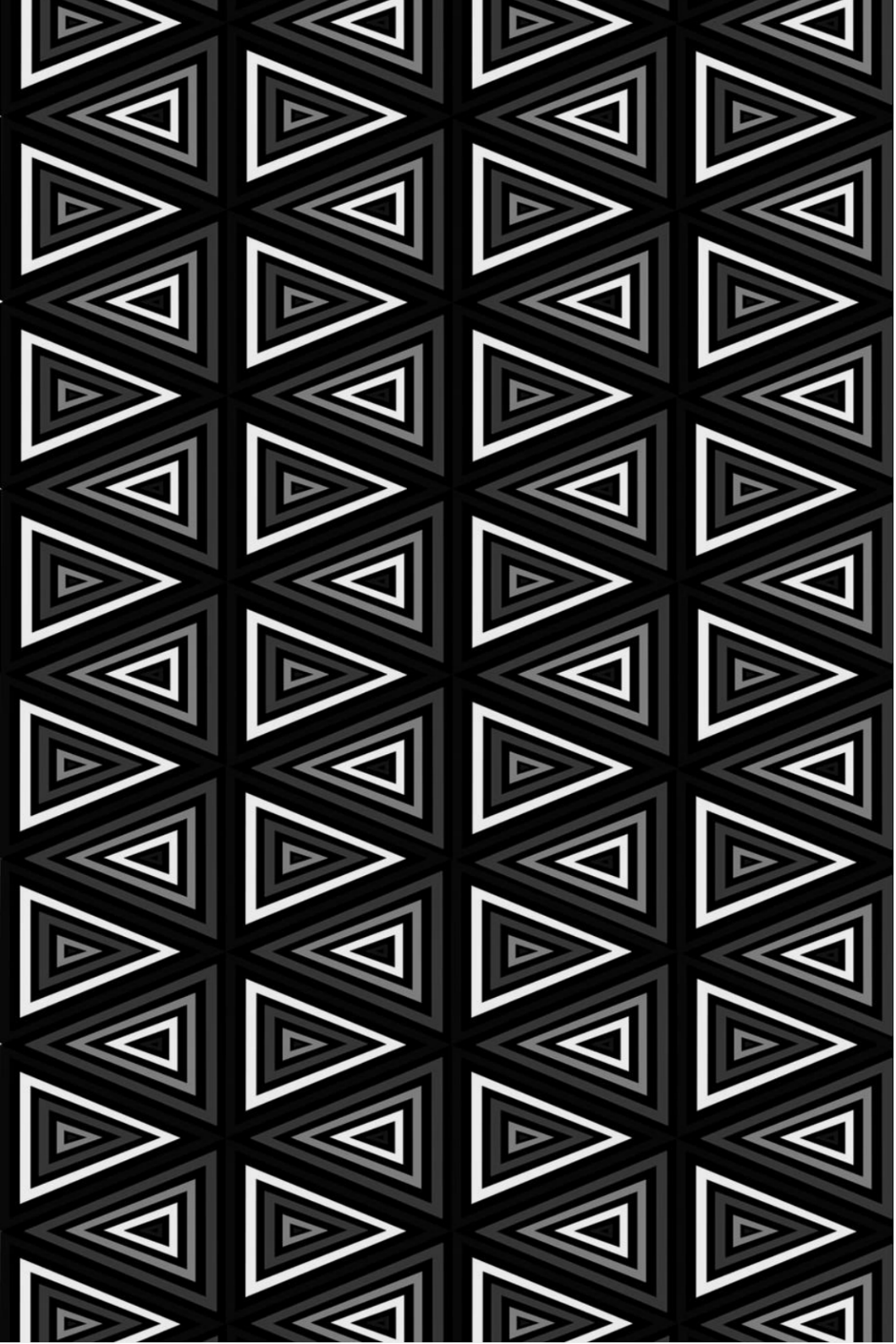
THIAGO F. MAGNO

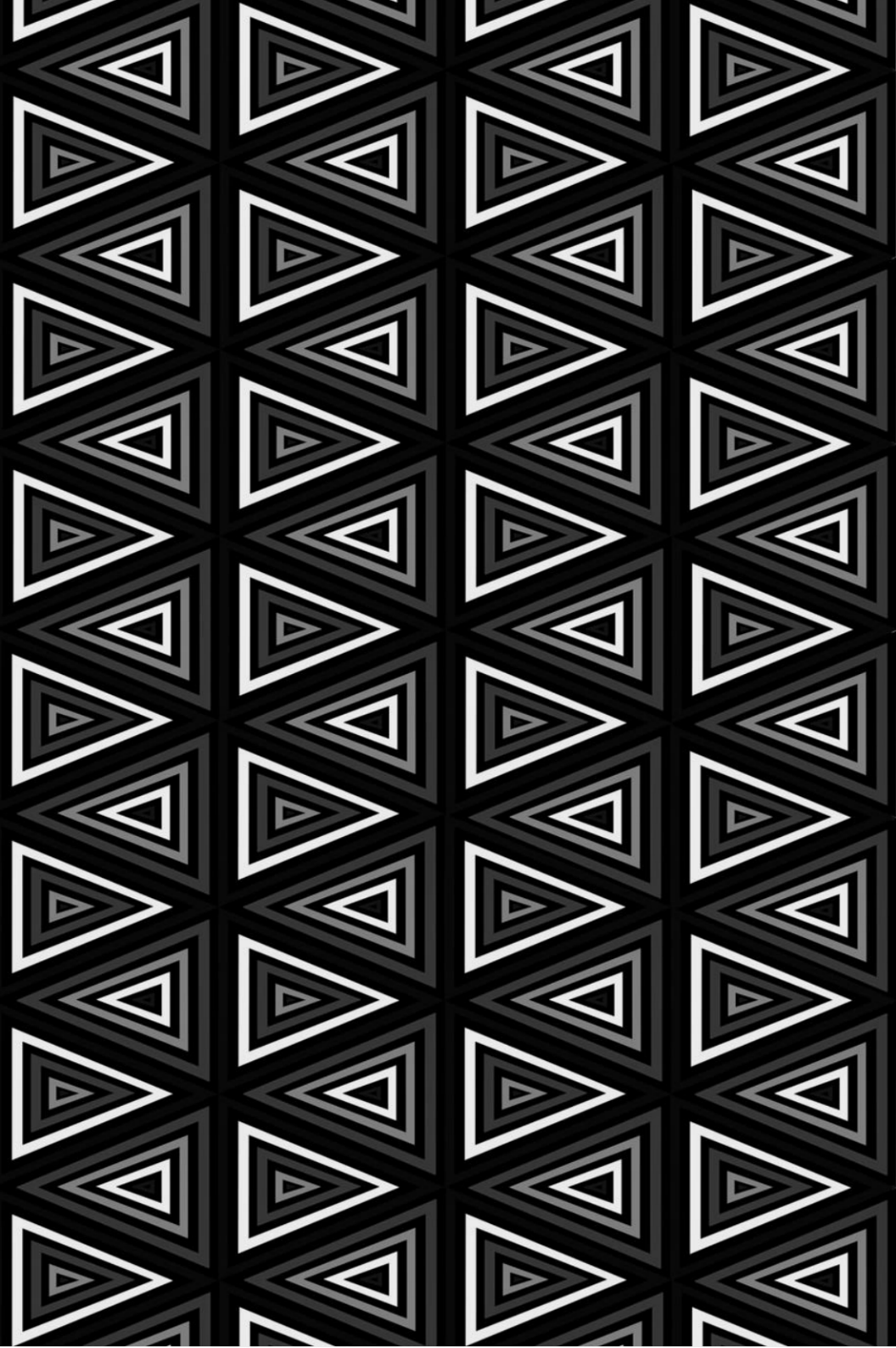
A tão sonhada empatia

Pelo poder da cura
Tento ajudar aqueles que posso
Pois saberemos que todo dia a vida me surra
E cabe a nós aliviar o próximo

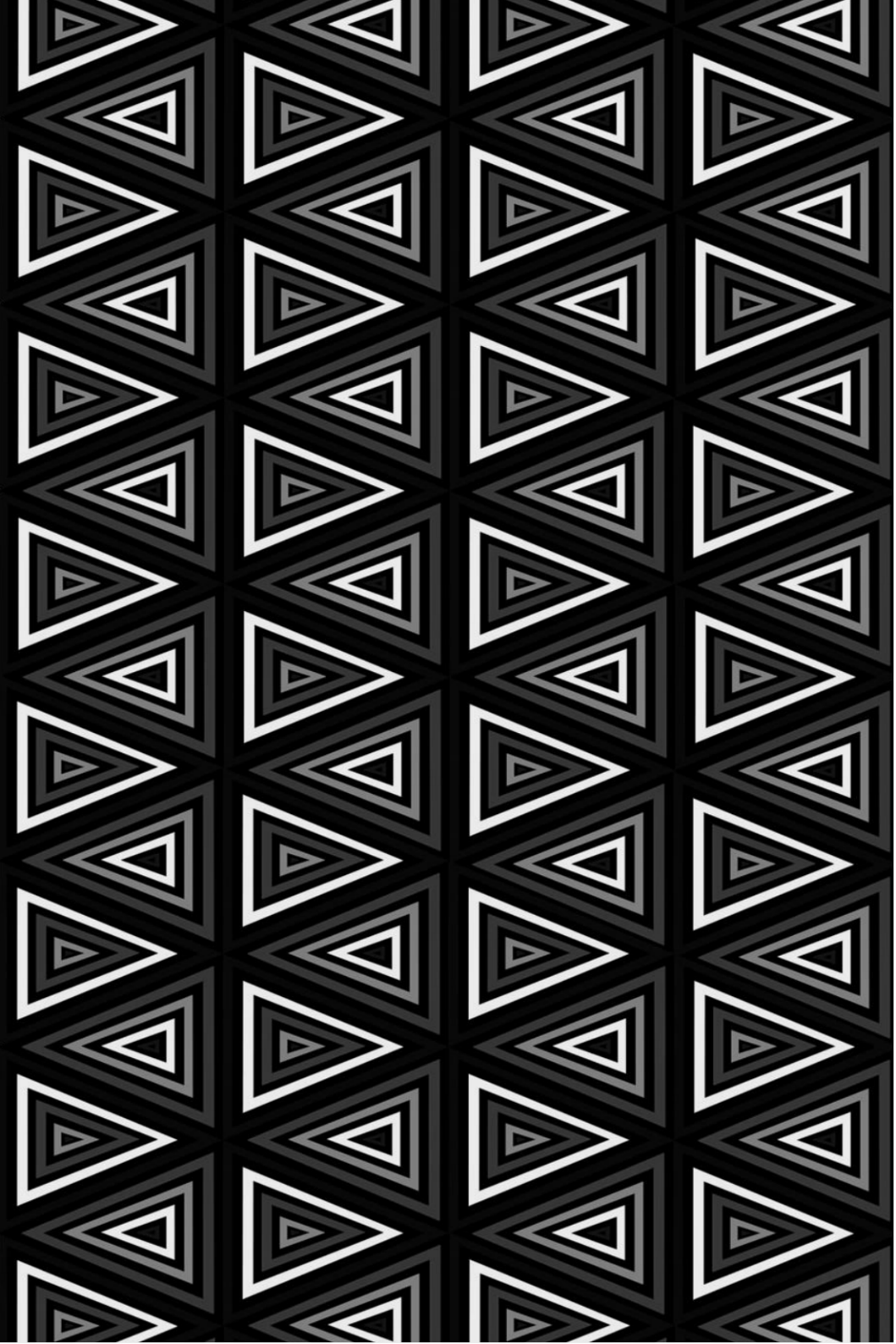
Palavras difíceis correm
No ouvido daqueles que estão cansados
Como as gotas d'água que escorrem
Diante de tudo aquilo que já foi molhado

É pelo apego daquela cena
Que me traz a boa memória
É preciso entender que cada problema é um problema
E saber do passado é estar ligado na história





*Comprometidos com uma
educação antirracista os
professores Jeferson
Bazilista, Naraham Dib e
Fernanda Luiza também
escreveram poemas para a
coletânea.*



J.R. BAZILISTA

Com exceção
de alguns poucos idosos
e algumas crianças
(e os loucos)
as pessoas torcem o nariz
ao cruzarem
comigo na rua.
Embicam, enrugam, franzem como se algo fedesse para
elas...
algumas curvam a boca num 'u' invertido e levantam as
sobrancelhas quase soltando
um "humpf, um tsc! Um indignado muxoxo.
Só em último caso,
em um ônibus,
a pessoa se senta ao meu lado.
Já vi algumas irem em pé o trajeto todo.
No ponto de ônibus
as bolsas são agarradas na minha presença, e os bolsos
conferidos.
Os seguranças
me seguem onde quer que eu entre
e a
polícia de onde quer que eu saia.
em "certos" lugares eu nem posso entrar!
Desde que me entendo por gente
é assim

e
que
Antes de eu
“Me entender”
Já era assim!
(Em um incidente em Baltimore... Gritaram-me Negro!)

Você sabe o que estou falando?
Está nos gestos
Está à vista
No dia a dia
Bem
no meio da fuça escrota
dos racistas!

Isso não é um poema.

DIDA

A kalimba

Dança dos corpos

Corpo imagem

Corpo luz

Corpo som

Corpo

amor

&

A kalimba

Ícone

que reluz

ilumina

o som

remexe

os corpos

Ah! a Kalimba!

FERNANDA LUIZA

Canto abrigo

Canta kalimba abrindo portas ao combate
Canta trazendo etnia em seu som
Canta como resistências
Canta vozes em seus tons

Canta kalimba como abrigo
Dos resquícios da escravidão
Canta como processo
De amor, coragem e consideração

Canta kalimba com docilidade
Força ancestral em seu vibrar
Carrega no vento a saudade
Canta a resistência no soar

Canta kalimba como insurgência
Como desobediência, canta,
Abra caminho instrumento
Para com amor transformar

